

A abordagem fenomenológica na investigação da percepção de professores sobre o ambiente estuarino da Baía da Babitonga, Santa Catarina, Brasil: contribuição do Programa de Educação Ambiental do Projeto Toninhas/Univille

The phenomenological approach to investigate the teacher's perception about the estuarine environment of Babitonga Bay, Santa Catarina, Brazil: contribution of the Environmental Education Program of "Projeto Toninhas/Univille"

Denise Lemke Carletto, Marcia Pereira Silva e Antonio F. S. Guerra. Univille (Brasil).

Resumo

O estuário da Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, Brasil, como em outras áreas litorâneas, vem sendo constantemente ameaçada pelas atividades humanas. A Baía da Babitonga abriga espécies ameaçadas, como a toninha (*Pontoporia blainvillei*), única espécie de golfinho ameaçado de extinção no Brasil, e um extenso manguezal, responsável pela grande produtividade da região (BRASIL, IBAMA, 1998). A percepção da comunidade escolar sobre a questão ambiental da baía e da espécie vem sendo estimulada pelo programa de Educação Ambiental (EA) do Projeto Toninhas/UNIVILLE que objetiva também dar visibilidade à espécie. Essa investigação almeja buscar a essência, a significação, que esta biodiversidade ambiental exerce na comunidade escolar da região, com metodologias qualitativas, por meio de uma abordagem fenomenológica que busca refletir e expressar as percepções dessa comunidade litorânea.

Abstract

The estuary of Babitonga Bay, north coast of Santa Catarina, Brazil, as in other coastal areas, has been constantly threatened by human activities. The Babitonga Bay is home to endangered species such as the toninha (*Pontoporia blainvillei*), only dolphin species threatened with extinction in Brazil, and an extensive mangrove, responsible for the high productivity of the region (BRASIL, IBAMA, 1998). The school community perception about the environmental issue of the bay and the species has been stimulated by the

Environmental Education Program of “Projeto Toninhas/UNIVILLE” which aims also give visibility to the species. This research aims to seek the essence, significance, that this environmental biodiversity has in the school community of the region with qualitative methodologies, through a phenomenological approach that seeks to reflect and express the perceptions of this seaside community.

Palavras chave

Fenomenologia, percepção ambiental, educação ambiental, Projeto Toninhas, Baía da Babitonga.

Key-words

Phenomenology, Environmental Perception, Environmental Education, Projeto Toninhas, Babitonga Bay

Introdução

O estuário da Baía da Babitonga, litoral norte de Santa Catarina, é um berçário da vida marinha de importante valor ambiental pela biodiversidade representada na sua fauna e flora, além dos serviços ambientais dos ecossistemas locais. O lugar abriga espécies ameaçadas, como a toninha (*Pontoporia blainvillei*), e um extenso manguezal, responsável pela grande produtividade da região (IBAMA, 1998).

Contudo, como em outras áreas litorâneas, essa região vem sendo constantemente ameaçada pelas atividades antrópicas, que atingem a vida e a sobrevivência das espécies que coabitam esses ambientes, como é o caso da toninha, um pequeno golfinho que vive no Brasil, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, no Uruguai e na Argentina (SICILIANO, 1994; CRESPO et al., 2002). Trata-se da única espécie de golfinho ameaçada de extinção do Brasil, sendo suas principais ameaças a captura acidental em redes de pesca e a degrada-

ção do seu hábitat. A toninha é pouco conhecida pela população em razão do seu comportamento discreto e de sua difícil visualização. A Baía da Babitonga é um dos únicos locais, dentre a sua área de distribuição, em que a espécie ocorre em águas estuarinas, com uma população de cerca de 50 indivíduos (CREMER, 2007; BRASIL, ICMBio, 2010).

Na Baía da Babitonga, a proximidade com o animal propiciada pelo ambiente estuarino, de águas calmas e abrigadas, possibilita a realização de pesquisas com a espécie, para conhecer um pouco mais a sua ecologia.

As atividades de pesquisa com a toninha são feitas pela equipe do Projeto Toninhas em consonância com um programa de Educação Ambiental que busca a sensibilização das comunidades do entorno para a conservação da espécie e preservação dos ecossistemas costeiros da Baía da Babitonga. O projeto foi patrocinado pela Petrobras, no Programa Petrobras Ambiental de 2010, para execução em 2011-2012, e renovado para 2013-2014.

A percepção da comunidade escolar da região sobre a questão ambiental da baía e da espécie vem sendo estimulada pelo programa de Educação Ambiental do Projeto Toninhas que objetiva dar visibilidade à toninha e estimular a sensibilização e a percepção ambiental, além de almejar a participação ativa de cada indivíduo e da coletividade frente às questões ambientais locais. Busca-se essa aproximação por meio da Educação Ambiental, com o apoio das comunidades do entorno, o que é fundamental para o sucesso das pesquisas e estratégias de conservação da espécie e preservação de seu habitat.

Embora o Projeto Toninhas realize avaliações quantitativas e qualitativas de suas atividades, esta investigação almeja compreender a essência, a significação que essa biodiversidade ambiental exerce na comunidade escolar, especificamente com os professores, utilizando uma abordagem fenomenológica.

De acordo com PEREIRA, DIAS e LEMOS (2012, p. 25), o pesquisador *“precisa conhecer a natureza do seu trabalho, a lógica científica que constituirá o exercício metodológico e que levará a compreender o processo do conhecimento do seu estudo”*. A escolha da fenomenologia como fundamentação teórica e metodológica para a pesquisa pauta-se na necessidade de refletir, compreender, expressar, aprofundar, e aproximar as importantes questões ambientais nessa comunidade.

Desse modo, um estudo com os professores da comunidade escolar da região de São Francisco do Sul possibilita revelar como o ecossistema Baía da Babitonga e as questões da sustentabilidade socioambiental são percebidas e transmitidas no ambiente escolar, e também se as atividades de Educação Ambiental do Projeto Toninhas/Univille contribuem para a construção e apreensão do conhecimento ecológico e do saber ambiental da região.

Abordagem fenomenológica: a fenomenologia da percepção na investigação em Educação Ambiental

As pesquisas em Educação Ambiental nos últimos tempos vêm aprofundando-se no rigor teórico e metodológico buscando contribuir com revelações e novas indagações, colocando-se assim como possibilidade de reflexão e ação sobre as práticas pedagógicas e com grupos sociais.

Para PEREIRA, DIAS e LEMOS (2012, p. 18), a abordagem qualitativa nas pesquisas em educação *“permite valorar a subjetividade, atribuir significado às coisas, às questões socioculturais e a seus diferentes contextos”*. Por essa questão, a fenomenologia vem emergindo nas pesquisas em Educação e Educação Ambiental, pois

permite essa movimentação, ao mesmo tempo em que proporciona a reflexão acerca dos fenômenos e de sua essência.

Para conhecer o desenvolvimento do pensamento fenomenológico, que é a base desta pesquisa, buscou-se em Edmund Husserl as concepções que fomentam essa discussão. Para o filósofo, a *“fenomenologia designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”* (HUSSERL, 2000, p. 46).

O teórico procurava *“compreender o significado fundamental do objeto sem, contudo, defini-lo de forma invariável e imutável – que não significa, para esse autor, uma definição embasada em incerteza”* (CLARO; PEREIRA, 2012, p. 76-78). Ele superou a filosofia cartesiana *“Penso, logo existo”*, que considerou incompleta, com base em seu conceito de intencionalidade, de que o ato de pensar se dirige ao que é pensado e, dessa forma, ao que é intencionado. *“Na fenomenologia, ‘intenção’ significa a relação de consciência que nós temos com um objeto”* (SOKOLOWSKI, 2004, p.18).

Assim, a fenomenologia em pesquisas na área da Educação Ambiental, possibilita revelar nossa percepção sobre o ambiente, permeada pelas questões objetivas,

mas principalmente por questões subjetivas, dotadas de valor e de intencionalidade.

A fenomenologia, como ciência e método, busca elucidar as possibilidades da valoração com base em sua essência, como possibilidade universal, transforma-se em investigações universais de essências (HUSSERL, 2000). É nessa ótica que Husserl *“abarca um novo sentido que se trata da relação indissociável entre o sujeito e o mundo, a consciência e seus objetos”* (CLARO; PEREIRA, 2012, p. 79).

Dos caminhos difíceis das evidências objetivas para as evidências fenomenológicas essenciais até chegar às primeiras reflexões, vencendo as dificuldades de apreender o vivido intencional e o vivido de percepção, quando se alcança a orientação adequada e ela se consolida pelo exercício, logo aparecem firmes possibilidades de transmitir a outros aquilo que foi visto por nós (HUSSERL, 2006).

A fenomenologia de HUSSERL (2000; 2006) mostra a reorganização entre sujeito, objeto, essência, reflexão, vivência, sentido e intenção.

Assim, o pesquisador fenomenológico, após destacar um fenômeno, possui uma dúvida, motivada por razões experienciais. Essa dúvida leva-o à essência do fenômeno, na intenção de entender, descrever e interpretar, mas não de explicar.

Em consonância com a fenomenologia de HUSSERL, Maurice MERLEAU-PONTY inaugura o que conhecemos como a fenomenologia da percepção, sua tese de doutoramento, de 1945. *“Em vez de nos oferecer um meio simples de delimitar as sensações, se nós as tomamos na própria experiência que a revela, ela é tão rica e tão obscura quanto o objeto ou quanto o espetáculo perceptivo inteiro”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 25).

Nossa atividade perceptiva é imediata, faz parte de nossas experiências vividas. Utilizamos nossos sentidos para nos aproximar e experimentar o mundo. *“Nós acreditamos saber muito bem o que é ‘ver’, ‘ouvir’, ‘sentir’, porque há muito tempo a percepção nos deu objetos coloridos e sonoros”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 25). Nossos sentidos são desenvolvidos e utilizados para nos colocar em vivências diversas de tato, audição, visão, olfato e paladar, favorecendo e estimulando experimentações e nosso percebido, resultando na construção da nossa percepção. Para MERLEAU-PONTY (1999), quando queremos estudar a percepção, transportamos esses objetos para a consciência, por meio dos sentidos.

Os estudos da percepção nas pesquisas em Educação Ambiental buscam reacender algumas experiências vividas, mas que algumas vezes ficam à sombra, bloqueadas ou atropeladas por nossas vidas atribuladas, por nossas vivências imediatistas

e transitórias. *“Toda vez que experimento uma sensação, sinto que ela diz respeito não ao meu ser próprio, aquele do qual sou responsável e do qual decido, mas a um outro eu que já tomou partido pelo mundo, que já se abriu a alguns de seus aspectos e sincronizou-se a eles. Entre minha sensação e mim há sempre a espessura de um ‘saber originário’ que impede minha experiência de ser clara para si mesma”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 291, grifo do autor).

É assim que a Educação Ambiental pauta-se na percepção para seus estudos e estratégias, pois a percepção na perspectiva ambiental consiste em como o ser humano, individual ou coletivamente, vê, e entende, compreende e interage no meio ambiente. Essa compreensão é resultante de conhecimentos, experiências, crenças, emoções, cultura e ações.

Nossas sensações são nossos espaços únicos, uma maneira particular de nos conectar ao ambiente. Elas nos levam a atitudes individuais e também à atuação em coletividade.

A natureza de nossa percepção leva-nos a viver uma condição humana universal, como sujeitos irremediavelmente livres, situação que também nos torna *“responsáveis pela comunidade que vivemos, pela sociedade, e por esta biosfera, que mantém o elo da vida como sua própria essência de manutenção”* (PASSOS, SATO, 2002, p. 5).

CLARO e PEREIRA (2012, p. 84) sugerem que a fenomenologia de HUSSERL (2000; 2006), seguida da fenomenologia da percepção de MERLEAU-PONTY (1974; 1999), apontam para a ideia renovada, para “vivo, percebo, logo penso”.

Em diálogo com os autores, e transportando-se ao fenômeno que se pretende revelar, tem-se a compreensão de que durante o movimento da pesquisa, na vivência com o sujeito, é no silêncio do que não foi dito, na expressão do que não foi exposto que o pesquisador fenomenológico necessita adentrar, para que consiga compreender o que não está declaradamente revelado.

É assim que nossa movimentação no mundo torna-se a bagagem que nos acompanha, e ela nos acompanha mesmo quando nos transportamos para espaços diferenciados. Nessas novas relações, novos símbolos e significados vão surgindo, e, quando o pesquisador fenomenológico entra em seu campo de estudo, são essas percepções, nesse arcabouço de elementos, que buscam suas compreensões.

Assim, a atividade de pesquisa pela observação “do” e “com” os sujeitos, “do” e “no” seu espaço de vivência amplia as possibilidades de um diálogo que se torna revelador para pesquisador e para o pesquisado.

As pesquisas fenomenológicas em Educação Ambiental objetivam atingir o sentido

pela percepção, pois esta nos abre a um mundo já constituído que se busca revelar, colocando neste movimento de pesquisa uma circularidade dinâmica (SATO, 2002) que liga-se com o percebido e a este compreende.

Ao aproximar-nos do sentido do percebido, consegue-se expressar a situação a respeito das coisas *“tão firme que seja minha tomada perceptiva sobre o mundo, ela é toda dependente do movimento centrífugo que me atira para ele, e não o retomarei jamais a não ser com a condição de colocar eu mesmo e espontaneamente dimensões novas de sua significação”* (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 134).

Quando entramos no nosso campo de pesquisa, precisamos entrar numa relação silenciosa com outrem para entender o poder mais próprio da palavra e da significação dos objetos, pois *“não notamos o suficiente que outrem nunca se apresenta na face”* (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 141).

Assim, a pesquisa fenomenológica faz-se tanto pela entrega, na vivência das experiências, como pela ausência, pela abstração, já que *“há uma universalidade do sentir – e é sobre ela que repousa nossa identificação, e generalização de meu corpo, a percepção de outrem”* (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 145).

Esse é um dos movimentos conduzidos pela pesquisa fenomenológica, importante

à compreensão do pesquisado, mas também de quem agora se faz pesquisador.

O Projeto Toninhas/Univille: Pesquisa e Educação Ambiental

O projeto Toninhas/Univille iniciou suas atividades em janeiro de 2011, com o objetivo de desenvolver atividades de pesquisa com a toninha (*Pontoporia blainvillei*), um pequeno golfinho ameaçado de extinção que habita parte da costa do Brasil, Uruguai e parte da Argentina. Na Baía da Babitonga, litoral norte catarinense, pesquisadores da Univille vem estudando uma população residente para conhecer um

pouco mais a ecologia do animal. A toninha é um golfinho pequeno com comportamento discreto, poucos eventos aéreos e reduzida exposição do dorso durante a emersão (Figura 1A). Sua coloração é marrom acinzentada, que se assemelha à das águas costeiras, e o animal não costuma se aproximar de embarcações (CREMER, 2007).

As ações de pesquisa com a toninha na Baía da Babitonga tornam-se importantes para a conservação da espécie, pois suas águas calmas favorecem o avistamento e o acompanhamento dos indivíduos. Muito do que se sabe sobre as toninhas é proveniente das pesquisas em animais mortos encontrados nas praias. Uma das metas do projeto foi a captura de exemplares para a colocação de transmissores sateli-

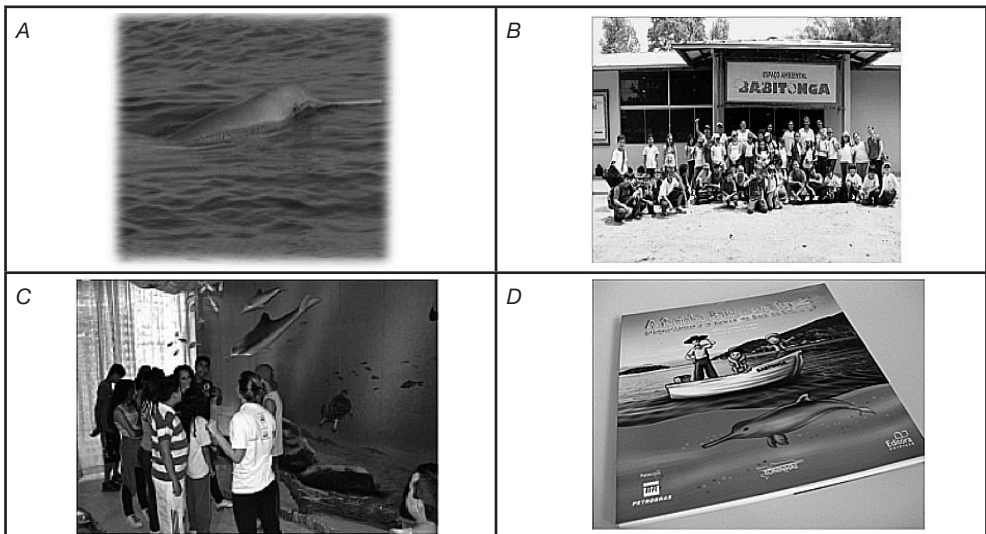


Figura 1: Imagens do Programa de Educação Ambiental do Projeto Toninhas/Univille: A) toninha (*Pontoporia blainvillei*) na Baía da Babitonga; B) Espaço Ambiental Babitonga (ESAB), na Univille, unidade Iperoba, em São Francisco do Sul/SC, Brasil; C) cenário do fundo do mar com moldes de toninhas, no ESAB; D) livro paradidático “A toninha Babi e sua turma: a importância e a beleza da Baía da Babitonga”

tais cujo objetivo era confirmar a região de hábitat na Baía da Babitonga, aspectos de mergulho, respiração, interação com o boto-cinza, de maneira a conhecer um pouco mais sobre o comportamento da espécie.

Para o êxito das atividades de pesquisa é importante o apoio da comunidade local. Assim, é desenvolvido um programa de Educação Ambiental que visa dar visibilidade a toninha, socializar as atividades e resultados das pesquisas e sensibilizar a comunidade para a proteção da Baía da Babitonga, importante região estuarina do sul do Brasil, habitat de diversas espécies marinhas.

O Programa de Educação Ambiental do projeto Toninhas/Univille atua pautado em alguns segmentos de atuação: o Espaço Ambiental Babitonga (Esab) com seu programa de visitas; atividades com a comunidade, como a realização de palestras, a participação em feiras e exposição itinerante “Bichos da Babitonga”; o livro paradidático contando a história das toninhas e da Baía da Babitonga; e o vídeo documentário sobre os esforços de pesquisa para a conservação da espécie.

O Esab já estava em funcionamento desde 2009, vinculado à área de Extensão universitária da unidade da Univille em São Francisco do Sul (SC), no bairro Iperoba. Foi remodelado para atender ao programa de Educação Ambiental do Projeto Toninhas. Na reestruturação o ESAB foi divi-

dido em cenários, representando os ecossistemas da mata atlântica, da restinga e o ambiente do fundo do mar da baía, uma ala científica com banners e esqueletos, uma ala da Toninha, um rancho de pesca, aquários e a Sala Toninha destinada à recepção e ao atendimento dos visitantes (Figura 1 B e C).

Para compor os ambientes do Esab a equipe do projeto realizou a taxidermia de animais, o que tem grande importância no processo de sensibilização ambiental. Cabe salientar que todos os animais usados foram encontrados mortos nas praias ou em rodovias da região. Alguns até mesmo foram entregues à equipe do projeto pela comunidade local, pelo conhecimento da realização da pesquisa.

Também para auxiliar na divulgação das atividades do Projeto Toninhas foram confeccionados e impressos diversos materiais como pôsters, panfletos, cartazes, cartilhas, bonés, chaveiros, camisetas, lápis, calendários, entre outros. Além desses materiais, o Projeto Toninhas divulga suas ações nas mídias sociais, como no blog projetotoninhas.blogspot.com, no perfil do Facebook (<https://pt-br.facebook.com/pages/Projeto-Toninhas>) e no Twitter (<https://twitter.com/ProjetoToninha>).

O Programa de Educação ambiental buscou também um envolvimento com os artesãos locais por intermédio da Casa da Cultura e da Fundação Cultural de São

Francisco do Sul. Os artesãos foram estimulados pela equipe do Projeto Toninhas a representar a fauna local em seus produtos. Assim, a toninha e outros bichos começaram a se fazer presentes nos produtos dos artesãos. O projeto confeccionou etiquetas explicativas sobre as espécies, agregando ainda mais valor ao produto do artesão.

A exposição itinerante “Bichos da Babitonga” segue os padrões do ESAB, com animais taxidermizados e painéis com os ecossistemas da região. É utilizada para exposições em feiras, eventos, empresas e escolas distantes da sede do projeto.

Foi desenvolvido também o livro paradigmático “A toninha Babi e sua turma: a importância e a beleza da Baía da Babitonga” (CARLETTI; CREMER, 2012), com o objetivo de fazer da obra um recurso de Educação Ambiental para as escolas (Figura 1D). Foi realizada uma tiragem de 5.500 exemplares, distribuídos gratuitamente nas escolas públicas do município de São Francisco do Sul.

O vídeo documentário “Toninhas: no limite da sobrevivência” (PROJETO TONINHAS, 2012) também é um importante recurso de Educação Ambiental do projeto, produzido com o objetivo de divulgar os esforços de pesquisa realizados com a toninha nos grupos de investigação do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Foram entrevistados pesquisadores e comunidades pesquei-

ras, apresentando assim os resultados dos últimos 30 anos de estudo da toninha. Tudo o que se sabe, os números e a ecologia, são apresentados nesse documentário de 61 minutos. Sua tiragem foi de dez mil exemplares, e foram distribuídos nos centros de pesquisa, bibliotecas, universidades e gestores ambientais, por todo o Brasil, Uruguai e Argentina.

Trajetória Metodológica

As pesquisas em educação tem sua trajetória pautada no rigor teórico e metodológico e nos últimos anos vem refletida também na Educação Ambiental.

A pesquisa qualitativa, com vertente fenomenológica, tem apresentado relevância significativa no âmbito da Educação Ambiental, fundamentando esses estudos no aspecto epistemológico e metodológico, além de dar sustentação às constatações encontradas.

Pesquisas com abordagem fenomenológica não delimitam previamente os elementos metodológicos como um modelo a seguir, ou método definido, mas o caminho define-se conforme a compreensão acontece, tanto para o investigado como para o investigador, durante o processo de ouvir e observar o que se mostra (GIL, 2010; BICUDO; BAUMANN; MOCROSKY, 2011). Como “*um dos*

princípios fundamentais da fenomenologia é o da intencionalidade, o pesquisador entende que as coisas não podem ser isoladas de sua manifestação” (GIL, 2010, p. 2-3).

A escolha da abordagem fenomenológica para esta pesquisa vem da inquietação de compreender como o ecossistema da Baía da Babitonga e as questões da sustentabilidade socioambiental são percebidas e discutidas no ambiente escolar, e reconhecer se a intervenção do programa na comunidade escolar contribui para a compreensão e interpretação do ambiente da baía.

Assim a atividade de pesquisa se dá em vivenciar, com a bagagem de experiências e percepções enquanto membro da equipe do projeto, o local de intervenção, - a escola -, com o objetivo de compreender e de revelar a percepção dos sujeitos pesquisados - os professores.

Esta abordagem é corroborada por Bicudo, Baumann e Mocrosky (2011) que exemplificam a questão do fenômeno e do pesquisador “A percepção do fenômeno é vivida pelo pesquisador. Isso significa que quem investiga tem um conhecimento primeiro sobre o fenômeno, dado de modo direto pela percepção e que, embora em seus desdobramentos deslanche para a interpretação e comunicação, ainda se mostra como um conhecimento ingênuo, como pré-conhecer, já que ele ainda não foi tematizado, isto é, tomado como tema de estudo” (BICUDO; BAUMANN; MOCROSKY, 2011, p. 159).

O campo para a realização da investigação é a Escola de Educação Básica João Alfredo Moreira, na região da Vila da Glória, município de São Francisco do Sul, Santa Catarina. A escola foi uma das que participou em 2011 da exposição itinerante “Bichos da Babitonga” do programa de Educação Ambiental do Projeto Toninhas/Univille.

A escolha por essa instituição justifica-se também por sua localização. A Vila da Glória é a região mais próxima do habitat das toninhas na Baía da Babitonga e mantém uma população de pescadores artesanais. Além disso, a escola é a maior das três escolas ali existentes, contendo aproximadamente 20 professores e 300 estudantes de ensino fundamental. Na figura 2 destaco o local da escola à margem da Baía da Babitonga e da área de habitat das toninhas.

No que se refere aos passos para o desenvolvimento da investigação, a primeira eta-



Figura 2: Mapa da Baía da Babitonga, na região destacada com listas a área de habitat das toninhas (*Pontoporia blainvillei*) e o ponto vermelho representa a localização da EEB João Alfredo Moreira.

pa consistiu na apresentação da pesquisa na 23ª Gerência de Educação do Estado de Santa Catarina/Brasil - GERED de Joinville, e na direção da Escola Básica João Alfredo Moreira, para autorização e aceite como instituição coparceira, respectivamente.

A segunda etapa iniciou-se em conjunto com a direção da escola, que foi a apresentação da pesquisadora e do projeto aos professores e membros administrativos da escola.

A terceira etapa, que acontece de modo contínuo, consiste na fase da imersão, da vivência da pesquisadora na escola, a qual se dá pela técnica da observação participante, do cotidiano da escola, buscando-se abrir um diálogo e possibilidades de contribuição dos professores à pesquisa. Essa observação participante é um processo importante para ouvir, ver, contribuir e acolher o fenômeno que se revela (BICUDO, 2000; MARIN, 2009; PASSOS, 2010).

Para compreender as questões e os objetivos da investigação, na terceira etapa, estão sendo realizadas entrevistas. É importante ressaltar que a entrevista fenomenológica não se baseia em perguntas definidas, mas em uma questão norteadora. O entrevistado é encorajado a refletir sobre sua vivência e experiência, e o entrevistador incentiva o relato detalhado, possibilitando a identificação do fenômeno (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 2003; RANIERI; BARREIRA, 2010).

Não há definido um cronograma rígido com datas para as observações, mas ocorrem de forma que atendam aos objetivos da pesquisa.

A quarta etapa, concomitante com as demais, é a interpretação documental. Ela iniciou com o estudo do Projeto Político Pedagógico (PPP), seguindo os procedimentos adotados por Bicudo, Baumann e Mocrosky (2011).

Para esta etapa buscou-se reconhecer no PPP se estes contemplam fatores ambientais que possam ser provenientes das ações do Projeto Toninhas, realizadas em 2012. Com as leituras do PPP realiza-se o cruzamento das interpretações documentais com o relato dos entrevistados, de práticas pedagógicas, bem como das observações realizadas pela pesquisadora no cotidiano da escola.

Durante o desenvolvimento da investigação é utilizado um diário de campo para a anotação das compreensões das observações e vivências, registros fotográficos e fonográficos das entrevistas, que estão sendo gravadas em um aparelho do tipo MP3, transcritas na íntegra e interpretadas conforme contexto da pesquisa fenomenológica.

Além dos autores citados na fundamentação deste trabalho como Husserl, Merleau-Ponty, atinentes a percepção, e Tuan em relação à percepção da paisagem, do espaço, do ambiente, e outros também citados

por desenvolverem pesquisas na área fenomenológica e da Educação Ambiental, vem servindo como referencial de apoio, bem como os trabalhos do grupo de pesquisa Movimentos Sociais e Educação (GPMSE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), liderado pela pesquisadora Michèle Sato, pelos caminhos já percorridos em pesquisa fenomenológica.

Caminhos Percorridos

A primeira etapa da pesquisa, que consistia em solicitar a autorização na 23.^a Gerência de Educação – Unidade Joinville/ 23.^a Gerência e do diretor da escola para realizar a investigação na instituição, aconteceu de forma bem acolhedora.

A segunda etapa da pesquisa aconteceu em novembro de 2014, quando fiz a primeira visita à escola, para a apresentação da pesquisadora e da pesquisa ao diretor. Era uma ensolarada tarde de segunda-feira, e peguei a balsa das 13h15, na localidade de Vigorelli, em Joinville, com destino à Vila da Glória. Durante a travessia, que dura aproximadamente 15 minutos, contemplei a beleza cênica da Baía da Babitonga, que revela a sua importância ecossistêmica para a sustentabilidade da biodiversidade.

As sensações que tive, no sentido dado por MERLEAU-PONTY e Paulo FREIRE

(2001), da compreensão de mundo e conexão ao ambiente natural da baía, durante a travessia de ferry boat, embriagaram-me de sensações, e veio-me à memória o sentimento de ousar parafrasear SATO (2001), pois, mergulhada na ansiedade de ir a campo e brindada com um lindo dia, num lindo lugar..., senti-me invadida de energia e comprometida em desenvolver “apaixonadamente” essa pesquisa em Educação Ambiental na Baía da Babitonga.

Na figura 3, apresento alguns registros fotográficos feitos no trajeto para a escola, imagens que constituem um mosaico, proporcionando assim uma pequena descrição visual da região da Vila da Glória, onde está localizada a escola. Estas imagens representam o meu olhar como “*apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental*” (SATO, 2001) e revelam o que meu olhar captou e o que senti, carne e espírito indissociáveis, estimulado por minha percepção biológica, sensorial e estética, sentindo o lugar percebido e registrando-o (PASSOS; SATO, 2002; MERLEU-PONTY, 1999).

A pesquisa ainda está em fase vivências, e de interpretação das observações na escola. Como a pesquisa fenomenológica me permite sair da rigidez de um método preestabelecido, é necessária a desaceleração no processo investigativo. O movimento da vivência vai se concretizando na investigação, permitindo-me entrevistar, fotografar, observar, fotografar outro mo-



Figura 3 – Imagens da Vila da Glória, registros do primeiro dia em campo : A) vista da balsa da Vigorelli/Joinville onde no meio da mata Atlântica revela-se a estrada que leva para a Vila da Glória; B) a estrada da Vila da Glória, parte pavimentada, cortando a Mata Atlântica; C) A balsa partindo da Vila da Glória para o vilarejo de Laranjeiras, na ilha de São Francisco do Sul; D) região gastronômica da Vila da Glória, especializada em frutos do mar, onde muitos clientes chegam de barco e atracam nos trapiches; E) pescador artesanal da Vila da Glória e ao fundo um navio de cruzeiro transatlântico atracado no porto de São Francisco do Sul; F) praia da Corozinha, o ambiente marinho e a Mata Atlântica envolvendo a Vila da Glória.

mento, retomar um diálogo, fotografar novamente. Ou seja, é com a vivência, lenta, calma e segura, que me aproximo dos sujeitos da pesquisa, e pouco a pouco vem-se revelando a percepção ambiental dos professores da escola.

Até o momento foram realizadas 08 entrevistas, o diretor e 07 professores, que em consonância com a vivência na escola se constituem em importantes revelações para a descrição e compreensão do ambiente escolar e também para a definição dos caminhos investigativos.

Na conversa com o diretor ele revelou que *“[...] há 20 anos reside em São Francisco do Sul, sendo que há quatro anos é diretor da unidade escolar”. Disse, com entonação de orgulho, que “[...] há quatro anos atravessa a baía todos os dias”.*

Essa última observação do diretor me conduziu às afirmações de TUAN (1980) a respeito da influência da cultura em nossa percepção ambiental, levando-me a refletir a respeito do fato de que tanto eu quanto o diretor, assim como a maioria dos professores da escola, não somos nativos do lugar, o que nos leva a atitudes, experiências e olhares distintos. Assim, nossas percepções também, no sentido dado por MERLEAU-PONTY (1999), são revelações individuais, ou seja, são percepções diferenciadas quanto aos aspectos da natureza do lugar, como as praias, a fauna e a flora da baía.

Retomando à questão da travessia até a Vila da Glória, da distância da escola revelada pelo diretor, essa questão também foi relatada em outras entrevistas. Assim, decidi inserir como uma nova etapa da minha pesquisa a vivência e o registro desses diferentes caminhos que levam os professores à escola.

Um deles já foi vivenciado: é o trajeto Vigorelli/Joinville–Vila da Glória, em um ferry boat, com horários definidos de hora em hora, com duração de aproximadamente 20 minutos. O outro também consiste numa travessia de ferry boat, de Laranjeiras/São Francisco do Sul–Vila da Glória, que leva cerca de 30 minutos e tem quatro horários por dia. Outra opção é um barco do Centro Histórico de São Francisco do Sul–Vila da Glória, com tempo estimado de 30 minutos e cinco horários por dia.

Convém destacar que essas rotas de acesso à escola pela Baía da Babitonga não são áreas de deslocamento de toninhas, apenas do boto-cinza, que se deixa bem visível por seus saltos e deslocamentos em grupos numerosos.

Além desses acessos há também as estradas que vem do município de Itapoá, ou Garuva, mas até o momento não identifiquei professores que as utilizam para chegar a escola.

A quarta etapa da pesquisa prevê um estudo do PPP da escola dos anos de 2012, 2013 e

2014. Estes documentos me foram disponibilizados por e-mail, pelo diretor da escola.

Pelas leituras dos PPPs dos três anos, percebi apenas alterações ortográficas, atualização dos dados estatísticos da escola e de calendário escolar. As leituras me propiciaram conhecer um pouco mais sobre a história da escola e da Vila da Glória, tornando-se essencial para a compreensão da realidade local e também para auxiliar no que observar com mais profundidade, em consonância da vivência e do diálogo com os docentes.

Destaco que no PPP da escola, no item “Proposta Curricular”, segue ou repete na íntegra, as orientações do documento “Orientação curricular com foco no que ensinar: conceitos e conteúdos para a Educação Básica (documento preliminar)” (SANTA CATARINA, 2011).

No item “Proposta de articulação com outras instituições (ações integradas) projetos”, são citados o programa de Higiene Bucal (parceria com a Univille), o Educação para o Trânsito (Professoras/Polícia Civil e Militar) e “outros” – não há uma menção direta de articulação com o Projeto Toninhas/Univille.

Essa constatação remeteu-me à entrevista com o diretor quando conversávamos sobre a intervenção do Projeto Toninhas na escola *“Você faz um trabalho, mostra o meio ambiente, como que esse animal*

se adapta a esse meio, faz uma conscientização com as crianças e dos cuidados que tem que ter, eles elaboram trabalhos, produzem materiais, e lá na cabeça deles, surte um efeito relacionado a esse tipo de meio ambiente. [...] Ele tem que ter continuidade porque aquela primeira criança que recebeu a informação, quando ela receber agora novamente neste ano a continuidade vai haver um amadurecimento e a visão dele de querer transformar o meio já vai ser maior do que o ano passado que ele não tinha nem a maturidade pra isso. [...] Ele foi bom só que ele não teve continuidade aí no ano seguinte você não tem”.

O relato, quase um desabafo do diretor, com relação à falta de continuidade dos projetos de intervenção realizados nas escolas e nas comunidades aparece nas críticas e conclusões de trabalhos no campo educacional, ambiental e também em outras áreas do saber que abordam as questões da sustentabilidade ambiental (GUERRA; TAGLIEBER, 2007; LANNA, 2009; SUASSUNA, 2005; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2005; MONTEIRO, 2005).

No item “Projetos desenvolvidos pela escola”, constam: O Caráter Conta, Horta (Programa Mais Educação), Educação Afro-brasileira e Indígena, Cultura em Movimento, Resistência às Drogas e à Violência na Escola (Proerd) e Mudando o Espaço, Participando da História (jardim). Desses projetos vivenciei, até o momento, apenas as informações do projeto Horta.

Em conversa com a professora responsável por tal projeto, ela relatou que abandonou a horta por conta do excesso de ervas daninhas e do solo fraco. A docente contou também que, quando a horta estava produzindo, os alimentos não eram utilizados na cozinha, pois o serviço terceirizado traz todos os alimentos para a merenda escolar. Entretanto alguma coisa era disponibilizada aos alunos para que levassem para casa. Era recorrente o pedido deles para levarem mais hortaliças para suas famílias, orgulhosos de participarem do processo de plantar e colher.

O relato da professora transpareceu certa frustração, uma vez que um trabalho pedagógico que estava em andamento foi abandonado por falta de apoio e de planejamento, para que pelo menos parte da produção da horta pudesse ser usada na alimentação escolar, mesmo que na forma de temperos, independentemente do serviço terceirizado.

Percebi, ainda nas leituras do PPP, que as expressões “Educação Ambiental” e “sustentabilidade” não aparecem no documento curricular, o que constitui para mim tanto uma revelação quanto uma contradição, se considerarmos o que propõem as políticas públicas de que a sustentabilidade ambiental é um dos princípios da educação integral (inciso V, art. 2.º do Decreto n.º 7.083/10), bem como a Resolução n.º 5 do CNE, de 2012, que estabeleceu as DCNEAs (BRASIL, 2012).

E são estas as vivências que até o momento me cabem revelar. Por ser esta uma pesquisa fenomenológica ainda em andamento, não cabe apresentar descrições parciais, apenas os caminhos já percorridos. Continuo a trajetória investigativa, me permitindo explorar cada passo, cada ponto de parada dessa trilha, percebendo o que se revela.

São essas experiências que estou vivenciando e compartilhando que me renovam as sensações da fenomenologia da percepção merleau-pontiana, descritas na fundamentação desta tese, de que “vivo, percebo, logo penso”.

Referencias bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Eliana C. P. T.; OLIVEIRA, Abel Dias (2005). Comunicação ambiental como suporte à pesquisa de reprodução de corais: experiência do Projeto Coral Vivo, em Porto Seguro-BA. Em Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 3., Florianópolis, 27 a 29 nov. 2005.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (2000). Fenomenologia: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; BAUMANN, Ana Paula Purcina; MOCROSKY, Luciane Ferreira (2011). Análise fenomenológica de projeto pedagógico. In: Congresso de Fenomenologia da Região Centro-oeste, 4, 19 a 21 set. 2011. Caderno de textos.... Disponível em: <<http://anaiscongressofofenomenologia.fe.ufg.br/up/306/o/Comun-MariaViggianiBicudo.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2014.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (Ibama) 1998. Proteção e controle de ecossistemas costeiros: manguezal da Baía de Babitonga. (Coleção Meio Ambiente; Série Estudos Pesca; n. 25).

- BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICM-Bio). Planos de ação nacional. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/planos-de-acao-nacional.html>. Acesso em 17 set. 2014.
- BRASIL. Resolução CNE/CP n.º 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17810&Itemid=866. Acesso em: 17 set. 2014.
- CARLETTTO, Denise Lemke; CREMER, Marta Jussara (2012). A toninha Babi e sua turma: a importância e a beleza da Baía da Babitonga. Joinville: Editora Univille.
- CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Vilmar Alves (2012). No horizonte da fenomenologia: entre conceitos e possibilidades, em PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa (Orgs.). Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação, pp. 73-90. Passo Fundo: Méritos.
- CREMER, Marta Jussara (2007). Ecologia e conservação de populações simpátricas de pequenos cetáceos em ambiente estuarino no sul do Brasil. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- CRESPO, Enrique A. et al. (2002). Report of the working group on abundance estimates. The Latin American Journal of Aquatic Mammals, v. 1, n. 1, p. 65-66.
- FREIRE, Paulo (2001). Pedagogia do oprimido. 12. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- GIL, Antonio Carlos (2010). O projeto na pesquisa fenomenológica, em seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4., Rio Claro. Anais... Rio Claro, 2010. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/index.html>. Acesso em: 7 out. 2014.
- GUERRA, Antonio Fernando Silveira e TAGLIER, José Erno (2007). Educação Ambiental: fundamentos, práticas e desafios, v. 1. Itajaí: Editora Univali.
- HUSSERL, Edmund (2000). A ideia da fenomenologia. Tradução de Artur Mourão. São Paulo: Edições 70.
- HUSSERL, Edmund (2006). Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Tradução de Marco Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras. (Coleção Subjetividade Contemporânea).
- LANNA, Karina (2009). Ecoturismo e projetos ambientais: estudo de caso do Projeto Tamara. Revista Itinerarium, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-26. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium>. Acesso em: 3 fev. 2015.
- MANZINI, Eduardo José (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada, em Colóquios sobre Pesquisa em Educação Especial, Londrina. Anais... Londrina: Edel, 2003. p. 11-25.
- MARIN, Andreia Aparecida (2009). A percepção no logos do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental. Journal Interações, Portugal, v. 5, n. 11. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/375>. Acesso em: 24 set. 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1999). Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1974). O homem e a comunicação: a prosa do mundo. Tradução de Celina Luz. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- MONTEIRO, Sara Ferreira de Sousa (2005). Sensibilização aos pescadores da pesca de espinhel para a redução da mortalidade de aves marinhas no Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências das Zonas Costeiras)–Universidade de Aveiro.
- PASSOS, Luiz Augusto (2010). Orientação teórico-metodológica que referencia as pesquisas com inspiração fenomenológica no GPMSE (Cuiabá/UFMT), em Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4., Rio Claro, 9 a 11 out. 2010. Anais... KLUTH, Verilda Speridião; SANTOS, Tadeu (Orgs.). São Paulo. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/51.pdf>. Acesso em: 24 set. 2014.
- PASSOS, Luiz Augusto e SATO, Michèle (2002). Educação Ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia merleau-pontyana em SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michèle (Orgs.). Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre. Montréal: ERE-UQAM.
- PEREIRA, Vilmar; DIAS, José Roberto de Lima; LEMOS, Luciane Oliveira (2012). Caminhos epistemológicos e metodológicos, em PEREIRA, Vilmar Alves e CLARO, Lisiane Costa (Orgs.). Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação. Passo Fundo: Méritos, p. 11-29.

- RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes (2010). A entrevista fenomenológica, em Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 4., Rio Claro, 9 a 11 out. 2010. Anais... KLUTH, Verilda Speridião; SANTOS, Tadeu (Orgs.). São Paulo. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/46.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2014.
- SANTA CATARINA (2011). Orientação curricular com foco no que ensinar: conceitos e conteúdos para a educação básica. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação/Diretoria de Educação Básica e Profissional.
- SATO, Michèle (2001). Debatendo os desafios da Educação Ambiental, em CONGRESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRÓ MAR DE DENTRO, 1., Rio Grande, 17 a 21 maio 2001. Anais... Rio Grande: Furg/Pró Mar de Dentro.
- SATO, Michèle (2002). Educação ambiental. São Paulo: RiMa, 2002.
- SICILIANO, S (1994). Review of small cetaceans and fishery interactions in coastal waters of Brazil, em International Whaling Commission. Anais..., v. 15, p. 241-250.
- SOKOLOWSKI, Robert (2004). Introdução à fenomenologia. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola.
- SUASSUNA, Dulce M. F. A (2005). Entre a dominação racional-legal e o carisma: o Projeto Tamar e sua intervenção em comunidades pesqueiras do litoral brasileiro. Sociedade e Estado, Brasília, v. 20, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.